

Cindinha

De papelaria a mercearia, um baú de tesouros que o tempo não esqueceu

Mais de 20 anos depois, a loja que “tinha de tudo” reabriu. Ao balcão estão duas novas caras e os produtos biológicos a granel também são novidade, mas o espírito da papelaria original nunca foi posto de lado. *Diogo A. Lopes (texto) e Inês Fernandes (fotos)*

● O número 82 da Avenida Pedro Hispano, em Joane, Vila Nova de Famalicão, é uma casa com muita história e que a vila já conhece. A Cindinha abriu em 1956 e era o local de eleição para os joanenses que queriam comprar livros e material escolar. Contudo, a loja de Américo Matulo e Gracinda Abreu era muito mais do que uma simples livraria. “No fundo sempre foi uma mercearia, mas era conhecida como papelaria porque era aqui que as pessoas vinham comprar os livros para a escola”, explica Marcos Barbosa, neto dos proprietários originais. Raquel Carvalho, a mulher de Marcos, desenvolve: “Era a única livraria existente aqui entre Famalicão e Guimarães. Lembro-me perfeitamente de toda a gente vir aqui no início do ano escolar comprar material.”

Em 1995, após a morte de Américo, a Cindinha fechou. Gracinda faleceu no ano seguinte e a loja permaneceu

fechada durante duas décadas. Vinte anos depois, a “mercearia-livraria” chegou às mãos de Marcos e Raquel. O nome Cindinha, que é o diminutivo da avó de Marcos, manteve-se, mas onde antes estava o material escolar estão agora produtos biológicos e a granel. Contudo, as “reliíquias” de outrora não foram deitadas fora.

Memórias de outros tempos

Raquel Carvalho e Marcos Barbosa conheceram-se nos tempos da escola. Raquel era de Castelões, mas a escola encaminhou-a para Joane, onde se cruzou com Marcos, natural da freguesia. Apesar de se terem separado após o 9.º ano, o casal voltou a encontrar-se em 2004 no caminho para Santiago de Compostela. Hoje estão casados e têm um filho de seis anos. No entanto, as lembranças da Cindinha de antigamente não escaparam da memória do casal de 37 anos.



“O autocarro descia esta avenida e eu lembro-me de passar aqui e de ver o avô sentado lá fora na cadeirinha a ler o seu jornal”, conta Raquel. O casal de proprietários original é geralmente recordado pelas suas personalidades opostas. “A Cindinha era a avó, de quem os clientes mais gostavam”, refere. Américo, por sua vez, era visto como “muito rabugento”. “Há pessoas que espreitavam: se era ele, iam embora e não levavam nada; se era ela, entravam e faziam as compras”. Marcos recorda, entre risos,

uma história mais próxima – “Há uma história de uma prima mais velha do que eu que passava aqui da escola e dizia ‘tio Américo, dê-me dois tostões de tremoços’ e ele ‘dois tostões? Nem me levanto!’”.

Quando a loja chegou às mãos do novo casal após um processo de partilhas, Marcos e Raquel depararam-se com um verdadeiro baú recheado de tesouros de outros tempos. “Nós vínhamos arrumar a loja na altura e desarrumávamos”, avança Raquel. “Porque a gente perdia-se a ver as

coisas e a relembrar a nossa infância. Era espectacular, cada coisa impressionante.” Entre as relíquias guardadas pelo casal estão o balcão original, uma “ficha médica a atestar a sanidade” de Américo e Gracinda (necessária para a venda de frutas e legumes) e ainda um livro de registos dos produtos vendidos. “Tremoços, alfinetes, cartolina, chocolate, guaches, esferográfica, laranjas, uma grade de cerveja”, lê Raquel no livro. “Não havia lá máquina registadora”, explica a mulher de Marcos, sem travar a



enumeração. “Bolachas, pulseira, Sugus, champô,... tinha de tudo, tudo, tudo.”

Mas o valor dos achados não se limitava aos olhos do casal, com Marcos a admitir serem “tesouros mesmo para colecionadores”. “Eu ligava e contactava directamente com as marcas”, avança. Marcos dá o exemplo da Viarco, uma fábrica portuguesa de lápis, que lhe respondeu a dizer que “nem eles têm no museu alguns dos lápis” que existiam na Cindinha. “E disseram para não vender a ninguém porque para eles tinha muito valor.” Guardado numa das gavetas do balcão está um pacote de lenços cuja marca é capaz de surpreender. Foram feitos pela Nokia, a empresa finlandesa de tecnologia e telecomunicações. O neto de Américo revela que enviou um pacote para a multinacional e até os membros da empresa ficaram surpreendidos com o que encontraram.



Cindinha Bulk Store

Av. Pedro Hispano, 4770-277 Joane
www.cindinha.com
Horário: segunda das 14h às 19h; de terça a sexta, das 9h às 13h e das 15h às 19h; sábado das 10h às 18h

Mesmo não tendo nascido na época, a Cindinha tem também um lugar especial no coração do filho de Marcos e Raquel. “Eu saía da escola e vinha para aqui fazer os trabalhos de casa com a minha avó. Ele sai da escola e vem para aqui fazer os trabalhos de casa com a mãe”, diz o pai. “E brinca nos mesmos sítios que eu brincava, sem lhe dizer nada. Brinquedos antigos para ele são brinquedos novos”, acrescenta.

Uma nova mercearia à moda antiga

Apesar de a Cindinha Bulk Store só ter aberto em Fevereiro, esta não foi a primeira vez que as portas da livraria deram as boas-vindas aos visitantes após o fecho inicial. Em 2017, para comemorar o 100.º aniversário do avô, Marcos decidiu, por um dia, abrir a livraria “conforme ela estava” para oferecer aos habitantes de Joane (e não só) uma oportunidade de viajarem no tempo. “Fizemos uma espécie de venda nesse dia, uma venda única de material que muita gente queria para recordação”, aponta Marcos. “Historiadores e colecionadores vinham de Ponte de Lima, Viana do Castelo, Aveiro, (...) e eu desconhecia o valor que tinham muitas das coisas.”

Dois anos depois, e após uma série de mudanças, a Cindinha voltou a abrir com um novo rosto. “Hoje em

dia, com as grandes superfícies, seria muito difícil de manter esse tipo de negócio [de papelaria]. Tinha de ser uma coisa diferente, que fosse apelativa”, sublinha Raquel. “E pegando um bocadinho nessa vertente de mercearia-livraria, nós pendemos um bocadinho para a parte de mercearia.”

“Começámos a apostar na agricultura biológica e a termos cuidado com a nossa alimentação”, diz Marcos. “E depois pensamos: a casa é nossa, a loja é nossa. Vamos aproveitar para abrir aqui algo relacionado com agricultura e alimentação.” O casal já tinha procurado um local para avançar com o projecto, mas as rendas elevadas foram sempre um obstáculo. Felizmente, a casa dos avós foi a solução ideal. “Foi a partir do momento em que ficámos com isto que surgiu essa vontade de abrir aqui uma mercearia. Esse também é o lado bonito da história. Os meus avós tinham uma mercearia, eu também abro uma mercearia.”

A loja está agora recheada de alimentos biológicos e vendidos a granel. Todos os produtos são portugueses, provenientes de Famalicão, Aveiro ou até a horta nas traseiras. “Como nós gostamos da parte da agricultura e como temos atrás uma horta, optamos por dar continuidade e cultivar o terreno (o que eles também faziam porque também vendiam aqui a fruta que tinham)”.

A fama da Cindinha não se limita às fronteiras de Joane. “Temos clientes em Guimarães, Famalicão, Trofa, Beirão (...). 90% das pessoas que frequentam a loja vêm por já consumirem e por terem agora muito mais perto”, assegura Marcos. “A maior parte das pessoas que vêm aqui iam a Gaia ao El Corte Inglés, que é o hipermercado com maior oferta de produtos biológicos. Agora escusam de ir a Gaia e vêm aqui às compras.” Alguns desses clientes são também “antigos clientes da papelaria”.

Uma extensa burocracia

Remodelar a casa não foi tarefa fácil. A história do edifício e dos tesouros que nele se encontravam colocaram-no debaixo de olho da câmara. Conversas, papéis e uma extensa burocracia foram necessários para chegar à loja que hoje vemos. “A casa está na minha família há 16 gerações”, conta Marcos. Raquel, por seu lado, descreve o processo lento do projecto, justificando que “só para uma loja assim foi uma burocracia por causa do edifício, que para eles tem todo o interesse pela História”. Entre a Cindinha de outrora e a de agora tiveram lugar uma série de alterações. “Havia muita coisa que a câmara barrava logo, e nós íamos para casa outra vez com o arquitecto pensar”, diz Raquel. O casal optou por seguir uma veia mais tradicional, para “não sair das raízes” e manter a traça do edifício. “Nós tentámos manter o máximo de móveis possíveis da loja”, explica Marcos. “A loja está igualzinha, só pintámos com tons mais modernos e foram restauradas as madeiras”. A cadeira onde o avô Américo se sentava ainda lá está, restaurada e sem vontade de abandonar a Cindinha.

Mas Raquel vê também o lado positivo da intervenção da autarquia. “Como é um edifício antigo, encontramos montes de documentos, coisas incríveis que eles quiseram logo meter lá na câmara e trabalhar eles os documentos”, sublinha. “Estão a catalogar aquilo tudo, o que para nós é ótimo porque fazem aquilo gratuitamente.”

Pegar no passado para construir o futuro

Raquel e Marcos não querem ficar por aqui. O casal planeia tornar a loja numa guest house, aproveitando os pisos superiores do edifício para alojamento local e os artigos de antigamente para decoração. “Se avançarmos com o projecto temos ali um espólio que serve para decoração, para memória e para fazer algum cantinho mais temático de leitura ou assim”, explica Raquel. Ainda não há data de abertura da guest house, mas Raquel não sente necessidade de apressar. “Gostava que fosse daqui a dois anos, mas vamos com calma”, acrescenta.

Por agora, os habitantes de Joane podem visitar a Cindinha para comprar os produtos biológicos e a granel, sempre recebidos pelo sorriso do casal que os espera atrás do balcão. Não são o Américo e a Gracinda, mas o espírito deles nunca saiu do local. **Texto editado por Sandra Silva Costa**